



OS CONTORNOS QUE A LINGUÍSTICA TRAÇA PARA SI VERSUS OS CONTORNOS QUE A LINGUÍSTICA DEVERIA TRAÇAR PARA SI: UMA ENTREVISTA COM JOSÉ LUIZ FIORIN

LINGUISTIC ROLES BY ITSELF IN CONTRAST OF WHAT IT SHOULD BE: AN INTERVIEW WITH JOSÉ LUIZ FIORIN

*Maycon Silva AGUIAR¹
Viviane dos Ramos SOARES²*

José Luiz FIORIN é licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Penápolis (1970), mestre em Linguística pela Universidade de São Paulo (1980) e doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo (1983). Tem pós-doutorados na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (Paris) (1983-1984) e na Universidade de Bucareste (1991-1992). Tornou-se livre-docente em Teoria e Análise do Texto na Universidade de São Paulo (1994). Atualmente, é Professor Associado de Linguística na Universidade de São Paulo. É autor e organizador de muitos livros que são considerados referências nos cursos de graduação e de pós-

1 Doutorando no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: mayconsilvaaguiar@mn.ufrj.br.

2 Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora da Fundação Oswaldo Cruz. E-mail: vvivianesoares@gmail.com.



-graduação em Letras no Brasil, dentre os quais estão “Introdução à Linguística I: objetos teóricos”, “Introdução à Linguística II: princípios de análise”, “Novos caminhos da Linguística”, “Lições de texto: leitura e redação” e “Argumentação”.

1. *Sua produção acadêmica contém um número incomum de manuais de introdução a áreas dos estudos linguísticos. Grande parte desses manuais consta, por exemplo, das bibliografias básicas das ementas de muitos cursos de graduação e de pós-graduação no Brasil. Qual é o espaço da divulgação científica em sua carreira? Como avalia a tese de que a vocação natural dos cursos de Letras é a formação de docentes para a educação básica? Qual é o espaço que essa formação ocupa nas preocupações dos professores-pesquisadores dos grandes centros universitários brasileiros?*

Não acredito que a vocação básica dos cursos de Letras seja a formação de docentes para a educação básica. Esta é apenas uma das suas vocações. Na verdade, creio que um curso de Letras tem por objetivo fundamental a formação de especialistas na descrição e explicação dos fatos da linguagem humana, entre os quais essa forma particular de linguagem que é a Literatura. O especialista bem formado nessa competência de descrição e explicação dos fatos linguísticos pode atuar em diversos campos: desde a docência na educação básica até a pesquisa linguística, passando por trabalhos em linguística forense, em atividades editoriais, etc.

Acho que a formação para a educação básica não ocupa um lugar central nas preocupações dos professores-pesquisadores dos grandes centros universitários brasileiros, tanto que a área de Linguística Aplicada se coloca à parte da área de Linguística, seja por desejar um estatuto próprio, seja por se considerar algo diferente das preocupações teóricas (descritivas ou explicativas) que presidem ao trabalho do linguista teórico.

A universidade, de maneira geral, não dá muito importância para a divulgação científica, considerada algo menor. Avalio, no entanto, que ela é uma atividade tão importante quanto a da criação teórica. Reclamamos que não se concedem verbas para a pesquisa científica, mas não apresentamos à população os resultados de nossos trabalhos em linguagem acessível, para que ela possa julgar sua importância. A pesquisa só será importante se a população a julgar relevante. Ora, para isso, precisamos de uma divulgação científica bem-feita. Por pensar assim, sempre tive a preocupação de escrever em linguagem acessível, mesmo meus livros mais teóricos. Ao mesmo tempo, sempre procurei fazer divulgação científica. Creio que os dois trabalhos, de elaboração teórica e de divulgação científica, andaram lado a lado. Além disso, sempre tive uma grande

preocupação com a formação das novas gerações, daí o que vocês chamam “número incomum de manuais de introdução”

Essa minha preocupação com a formação deriva do fato de que acho que está havendo, na área de linguística, uma introdução não científica à ciência. Que significa isso? Significa que o aluno é introduzido precocemente a uma teoria linguística e passa a considerá-la “a” verdade. Ora, não existem verdades eternas na ciência, ela é uma construção de modelos provisórios, que explicam determinados fatos.

Por isso, há tantas teorias, tantas áreas, etc. A ciência nunca termina. Ser introduzido à ciência, aprendendo que uma teoria é a verdade e as outras merecem desprezo é ser introduzido a uma religião, pois a religião é que tem verdades eternas, dogmas, sumos sacerdotes, etc. Foi essa preocupação que me guiou na elaboração de livros introdutórios.

- 2. De modo geral, as diferentes abordagens do discurso concordam que a linguagem é uma prática eminentemente social. Pensando que, enquanto estudioso do discurso, seu objeto está no centro das experiências humanas, algum compromisso social se delinea a partir da relação entre linguagem e sociedade?*

A linguagem é uma prática social e, por isso, o discurso é histórico. Todo discurso é uma tomada de posição em relação a outro discurso. Portanto, um discurso não se constitui a partir da realidade, mas a partir de outros discursos, como já ensinava Bakhtin. O discurso de Copérnico constitui-se em oposição ao de Ptolomeu, para demonstrar que a Terra não é o centro do universo, etc. O discurso de Darwin constitui-se em oposição ao discurso bíblico, para explicar que o homem não foi criado por Deus, mas é resultado de um processo evolutivo. O modo de funcionamento real do discurso é, portanto, a diferença.

Sua historicidade não é algo externo, que é dado por referências a acontecimentos da época em que foi produzido ou por curiosidades a respeito de suas condições de produção (por exemplo, a biografia do autor ou o local em que produziu seu texto). A historicidade dos discursos é captada no próprio movimento linguístico de sua constituição. É na percepção das relações com o discurso do outro que se compreende a história que perpassa o discurso. A análise histórica



dos textos não é a descrição de uma época, a narrativa da vida de um autor, mas é uma fina e sutil análise semântica, que vai mostrando contrariedades e contraditoriedades, aprovações ou reprovações, adesões ou recusas, polêmicas e contratos, deslizamentos de sentido, apagamentos, etc. A história não é exterior ao sentido, mas é interior a ele, pois ele é que é histórico, já que se constitui fundamentalmente no confronto, na contradição, na oposição das vozes que se entrecrocaram na arena da realidade. Captar as relações do texto com a história é apreender esse movimento dialético de constituição do sentido.

O analista do discurso, o semiótico não somente descreve os discursos que se constituem em relação de contrariedade ou de contradição, mas também toma posição. Na medida em que ele mostra que os discursos dominantes não são naturais e necessários, mas históricos e contingentes, sua posição é a dos discursos não dominantes.

O tempo em que vivemos exige uma intervenção política do analista do discurso, do semiótico, pois, em todo o mundo, um discurso econômico apresenta-se como “a” verdade: o da busca da competitividade, que implica necessariamente a diminuição do Estado, a redução das políticas públicas, a privatização do patrimônio público, a inserção nas chamadas cadeias globais de valor (no caso brasileiro, essa inserção será subalterna, dedicando-se o país a exportar matérias-primas e alimentos), a precarização do trabalho e o corte de direitos trabalhistas. Esse discurso da competitividade está fundado na inevitabilidade da globalização com sua abertura dos mercados. O mal-estar provocado por essa política não encontrou da parte da esquerda um projeto factível de desenvolvimento com crescimento econômico, geração de emprego e renda, inclusão social e distribuição de riqueza. Isso fez ressurgir, com muita força, um discurso da extrema-direita que propõe, em oposição à abertura da globalização, o fechamento centrado na ideia dos Estados Nacionais, com tudo o que isso acarreta: o nacionalismo, a xenofobia, a exclusão... Diante do discurso da extrema direita é inútil o argumento da superioridade moral: “é indigno ser xenófobo, é atrasado ser nacionalista extremado; é estúpido não aceitar a diversidade...” O analista do discurso, o semiótico não tem competência para propor um novo discurso econômico, dirão alguns.

No entanto, ele tem competência para mostrar que discurso pode constituir-se em oposição ao discurso que está causando, em amplas parcelas da população, um sentimento de perda, com o conseqüente correspondente passional, o ressentimento. Tomar posição contra os discursos dominantes, mostrando que não são naturais, mas contingentes, e tomar partido dos discursos dos dominados são o compromisso social das teorias do discurso.



- 
3. Não é consensual, para o conjunto de vertentes teóricas da linguística, qual é o papel dessa disciplina científica na vida em sociedade; sequer, por exemplo, pode-se afirmar que tal papel existe. Em sua opinião, o pequeno impacto que as pesquisas linguísticas brasileiras têm sobre a sociedade refletem a cisão interna quanto à proclamação de algum tipo de papel ou engajamento social? É possível estabelecer alguma ligação entre a legitimação da linguística no Brasil e os estudos do discurso na compreensão da sociedade e da sua relação com diferentes formas de conhecimento?

O pequeno impacto da linguística na vida em sociedade deriva do fato de que a concepção de ciência dominante no fazer dos linguistas não tem nenhum compromisso com as questões de ordem prática, com os aspectos sociais da linguagem. O desinteresse dos linguistas por temas como planejamento linguístico e outros assuntos que interessam à população tem origem num princípio básico do fazer científico, a neutralidade. Por isso, há um descaso pela opinião leiga e pelo aspecto social da linguagem.

A linguística só terá relevância na vida social, quando discutir os assuntos linguísticos que interessam a população. Creio que os estudos do discurso têm um papel nessa legitimação, discutindo questões candentes na sociedade.

No entanto, todas as áreas da linguística têm um compromisso ético de colocar-se contra o preconceito, a favor da igualdade e do desenvolvimento das capacidades de todos os brasileiros.

4. Nas últimas décadas, diversas vertentes da linguística enveredaram pelas ciências cognitivas e por vias experimentais. A prática linguística circunscrita à metodologia das ciências biológicas pode contribuir para os estudos do discurso? Fraseando de outro modo, é possível que a nova faceta dos estudos linguísticos contribua para trazer o discurso às preocupações de primeira ordem da linguística?

A linguagem tem, sem dúvida nenhuma, um aspecto radicado nas estruturas do cérebro. No entanto, esse não é o único aspecto a ser estudado, pois a linguagem é “multiforme e heteróclita”, como dizia Saussure. Por isso, cada teoria vai estudar uma região da linguagem humana, respondendo a uma determinada questão. Por isso, todas são importantes. É possível, sim, que as vertentes cognitivistas contribuam para os estudos do discurso. Alguns estudiosos da linguísti-



ca textual, com base nos estudos da cognição, especialmente em suas vertentes conexionistas, consideram que processos sociocognitivos são fundamentais nas atividades de linguagem. No entanto, gostaria de lembrar que, no meu trabalho pessoal, não tenho interesse no estudo dos processos cognitivos. Interessam-me, particularmente, os processos históricos e os mecanismos estruturais envolvidos na produção do discurso.

5. *Interação, comunicação, semiótica, enunciação, político e ensino são palavras frequentes em sua produção acadêmica. Especificamente o ensino da leitura e da produção de textos também constitui área de interesse em seu percurso acadêmico. As políticas educacionais sempre estiveram em disputa no Brasil dada sua complexa e dinâmica estrutura social. O atual processo de formulação de políticas curriculares é um exemplo. Já há uma discussão, nas universidades, sobre o impacto da Reforma do Ensino Médio (Lei nº 13.415/2017) e, conseqüentemente, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no modo como os professores brasileiros são/serão formados? Como esse debate está sendo/deverá ser conduzido?*

Está, sim, havendo uma discussão sobre a Base Nacional Comum Curricular e seu papel na definição dos currículos, que devem ser entendidos não como uma lista de disciplinas, mas como um conjunto de conteúdos visando à preparação de um determinado tipo de profissional. Por exemplo, já vi discussões sobre como se fará a formação dos estudantes para trabalhar com textos multimodais, já que o curso de Letras tradicionalmente se ocupa de textos verbais. Não sei como esse debate deve ser conduzido, uma vez que não sou especialista em questões educacionais em sentido amplo. Sei apenas que o texto é a unidade sobre a qual opera o ensino preconizado pela BNCC. Por isso, penso que é preciso analisar como será o trabalho com o discurso para a formação de professores, sem descuidar, no entanto, de que ele deve ter uma formação em fonologia e em gramática. Os estudos de discurso devem ser colocados no centro da formação do profissional de Letras.

É importante não só analisar os aspectos históricos da construção do discurso, mas também os aspectos linguísticos transfrásticos, que não se reduzem àqueles preconizados pela linguística textual, quando estuda os fatores de textualidade.



6. No início dos anos 2000, no texto “Curso de Letras: Desafios e perspectivas para o próximo milênio”, você afirmou que “é a partir de sólidos conhecimentos num domínio específico do conhecimento que se pode abrir para as íntimas relações dos diversos campos do saber (...). [A] interdisciplinaridade estabelece-se como exigência do trabalho disciplinar, quando se verifica que um problema deve ser tratado sob diferentes óticas e perspectiva (...). [A] interdisciplinaridade não é dada como pré-condição, mas surge como exigência interna ao trabalho que está sendo realizado. Não é criada por decreto, mas construída no cotidiano do pesquisador”. (2001:20)³. De acordo com a BNCC, apenas português e matemática serão obrigatórias nos três anos do Ensino Médio. As demais disciplinas aparecem sob a forma “interdisciplinar”. Como avalia o uso do conceito de interdisciplinaridade em uma organização curricular em que apenas duas disciplinas são revestidas de caráter obrigatório?

Não sabemos como se dará essa decantada interdisciplinaridade no Ensino Médio, já que a Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio ainda não está finalizada. Vou falar de algumas coisas que sei sobre o “novo” Ensino Médio. Sou a favor de um Ensino Médio focado em áreas do conhecimento (por exemplo, ciências humanas, ciências da natureza, linguagens, matemática, etc.), como é o Ensino Médio em quase todos os países do mundo. Aliás, como era quando fiz o Ensino Médio: Clássico, Científico, etc. Acho que as únicas disciplinas obrigatórias para todos os estudantes deveriam ser português e inglês, porque o domínio de línguas é indispensável para o domínio de qualquer área de estudo. O português porque é nossa língua e o inglês porque é a língua veicular internacional. A introdução à matemática deve ser feita no Ensino Fundamental. No entanto, o ensino por áreas do conhecimento não significa ensino interdisciplinar. Creio que é preciso, antes de lançar um ensino interdisciplinar que não se sabe como será, preparar material didático que permita aos professores trabalhar de maneira interdisciplinar. Caso contrário, é melhor fazer um ensino disciplinar bem feito. Além disso, tenho apenas uma preocupação com o Ensino Médio organizado por áreas do conhecimento: é preciso que todas as escolas tenham condições de oferecer quase todas as áreas, pois tenho medo de que os colégios de regiões mais pobres ofereçam uma única área, sem que seus alunos tenham possibilidade de escolha. Um Ensino Médio por áreas sem possibilidade de escolha é pior do que um Ensino Médio como o nosso atual.

3 FIORIN, J. L. Curso de Letras: Desafios e perspectivas para o próximo milênio. **Seminário Nacional de Literatura e Crítica, 4., Seminário Nacional de Linguística e Língua Portuguesa 2., 1999, Goiânia. Anais...** Goiânia: Gráfica e Editora Vieira, 2001. p. 13-21.



7. *Nossa universidade contou com sua presença recentemente. A palestra “Linguística e retórica”, em abril deste ano, evocou um dos pontos frisados nas últimas perguntas: a relação direta entre o estudo científico da linguagem e duas das funções precípua à linguagem, a comunicação e a argumentação. Retomando parte da discussão envolvida na palestra, de que modo é possível conciliar a tarefa de se investigar cientificamente a linguagem, que se pretende objetiva, com a dimensão argumentativa desse objeto?*

Não sei se entendi bem a questão enunciada por vocês. De qualquer forma,

Penso que o problema da neutralidade da ciência deve ser posto em questão. A ciência tem uma dimensão política, uma dimensão ética: deve contrapor-se aos discursos dominantes, mostrando que são contingentes e não naturais, deve colocar-se do lado dos discursos dos dominados, deve combater todas as formas de preconceitos.

Portanto, não há qualquer problema em conciliar um estudo científico da linguagem com a dimensão argumentativa que ela deve ter.

8. *Ideologia e argumentação também são palavras frequentes em sua produção acadêmica. Nos últimos meses, o debate acerca do projeto de lei que tenta instituir a chamada “Escola sem partido” ganhou visibilidade. Como estudioso do discurso, é possível afirmar que o trabalho do professor está sendo desqualificado? Como esse projeto, também conhecido como “Lei da Mordaza”, pode afetar o cotidiano de trabalho do professor? Quais são os limites éticos da nossa profissão?*

Sem dúvida nenhuma o movimento intitulado “Escola sem partido” desqualifica o trabalho dos professores: muitos deles estão sendo perseguidos, atacados em redes sociais, denunciados em juízo ou instâncias administrativas. Esse projeto vai cercear a liberdade de escolha de textos a serem estudados em sala de aula, vai limitar a discussão de temas na escola. A coisa é tão doida que algum pai pode opor-se ao ensino das teorias evolucionistas, querendo que se dê lugar ao ensino do criacionismo, como se ambas as narrativas tivessem o mesmo estatuto teórico.



Agora, é preciso pensar quais são os limites éticos de nossa profissão. Penso que os professores precisam estar sempre do lado da palavra que é vida, ou seja, dos valores da liberdade, da igualdade, do respeito à diferença e da solidariedade.

Creio que é antiético colocar-se contra esses valores. Acredito que o que o professor não pode fazer em sala de aula é campanha eleitoral para qualquer candidato. Ele deve, porém, ensinar valores.

9. *É uma constante em seu percurso acadêmico a articulação entre os estudos linguísticos e os literários. Por meio dessa simbiose, presente em várias de suas publicações, fica evidente que o estudo do contato do português com línguas, povos e culturas africanas e indígenas é fundamental para o entendimento do português brasileiro. A literatura é uma forma privilegiada de falar sobre o Brasil? As leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornam obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena, estão ameaçadas pelas políticas públicas educacionais em circulação no atual contexto sócio-histórico brasileiro?*

A literatura é uma forma de conhecimento, que condensa todos os modos de sentir de um povo, explica os mecanismos de exercício do poder e assim por diante. Por outro lado, a grande função da arte, entre as quais a literatura, não é dizer o que sempre existiu, mas iluminar a possibilidade de outras existências, sugerir que outras ordens da realidade são possíveis. Por isso, a arte tem sempre um caráter subversivo, mostra-nos que a ordem vigente não é única, não é absoluta, mas é uma entre outras. Por isso, a literatura é uma forma privilegiada de falar das formações sociais em que é produzida. A literatura brasileira romântica, por exemplo, forja uma identidade nacional para a nova nação que se criara com a independência. Além disso, a literatura é o lugar em que se trabalha a língua em todas as suas possibilidades. Por isso, meu interesse particular pela literatura. Por essas razões, é importante estudar a literatura brasileira e não apenas memes, como anda acontecendo em nossa escola de educação básica.

Não sei se o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena está ameaçado pelas políticas educacionais implantadas no atual contexto sócio-histórico



brasileiro. Vocês devem estar referindo-se à celeuma levantada depois da apresentação da primeira versão da Base Nacional Curricular Comum do Ensino Fundamental, quando houve críticas de que só havia, nos conteúdos de história, história da África e dos indígenas brasileiros e não havia nada sobre a história europeia. Não sei como ficou a nova versão da BNCC de história, mas me parece que se chegou a um ponto comum, pois as críticas amainaram. De qualquer forma, penso essa questão não se coloca, atualmente, no ensino de literatura brasileira, porque ele ainda é muito mal feito, é, na maioria das escolas, apenas o estudo da história da literatura canônica. Penso que deveria ser feito por temas que dissessem respeito à vida do estudante, expressos em diferentes momentos da literatura (o amor, a amizade, etc.) e aí entra o tema da formação do Brasil com os conteúdos da história e da cultura afro-brasileira e indígena, que ainda não têm um bom tratamento em nosso currículo, apesar das leis que prescrevem seu estudo. Um curso de literatura no Ensino Fundamental e Médio deve ser um curso organizado, em função de alguns parâmetros, de leitura de obras literárias.

10. *Sendo um dos mais renomados pesquisadores da obra de Bakhtin no Brasil, que perspectivas as contribuições desse pensador trazem à linguística moderna? Novos contextos exigem novas perguntas. Como a leitura da obra bakhtiniana pode colaborar para o fortalecimento dos laços institucionais entre o científico e o escolar no que diz respeito ao ensino da disciplina escolar 'língua portuguesa'?*

Penso que a maior contribuição de Bakhtin à linguística moderna foi mostrar que todo enunciado é dialógico. Portanto, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado. Portanto, nele ouvem-se sempre, pelo menos, duas vozes. Mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, elas estão aí presentes. Um enunciado é sempre heterogêneo, pois revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói. Ele exhibe seu direito e seu avesso. Por exemplo, quando se afirma *Homens e mulheres podem fazer os mesmos trabalhos*, esse enunciado só faz sentido porque ele se constitui em contraposição a um enunciado machista, que preconiza a superioridade dos homens sobre as mulheres. Essa declaração deixa ver seu direito, a afirmação da igualdade de homens e mulheres, e seu avesso, a asseveração da superioridade intelectual dos homens. Numa sociedade em que não houvesse machismo, não faria sentido, por ser absolutamente desnecessária, a postulação de igualdade mencionada.

Os enunciados, sendo constitutivamente dialógicos, são sempre históricos. Entretanto, sua historicidade não é apreendida por meio de curiosidades e anedo-



tas a respeito de sua produção. Não é a biografia do autor, as circunstâncias em que viveu que permitem ver o caráter histórico do enunciado, mesmo porque há enunciados de autores desconhecidos, que não se sabe onde e quando foram produzidos e, apesar disso, têm sentido. Por exemplo, a *Iliada* e a *Odisseia* têm sentido, embora nada saibamos a respeito de Homero nem da composição dessas epopeias.

A historicidade dos enunciados é captada no próprio movimento linguístico de sua constituição, como expliquei na resposta à questão 2.

Bakhtin vê a linguagem como prática social. Ao contrário do que quer fazer crer uma leitura da obra de Bakhtin guiada pelo marxismo vulgar, o filósofo não nega a existência da língua nem condena seu estudo. Ao contrário, considera-o necessário para compreender as unidades da língua. No entanto, ele mostra que a fonologia, a morfologia ou a sintaxe não explicam o funcionamento real da linguagem. Por isso, propõe a criação da *translinguística*, que teria como objeto o estudo dos enunciados, o que significa dizer o exame das relações dialógicas entre eles, dado que são necessariamente dialógicos. Da concepção dialógica da linguagem surgem outros aspectos importantes da obra de Bakhtin como a teoria do romance, a concepção de gêneros do discurso, etc.

Essa dimensão da linguagem como prática social deveria ser a maior contribuição de Bakhtin para o ensino de língua portuguesa. Até agora o uso de Bakhtin no ensino não produziu bons resultados, pois o filósofo russo foi vulgarizado.

Depois que os *Parâmetros Curriculares Nacionais* estabeleceram que o ensino de Português fosse feito com base nos gêneros, apareceram muitos livros didáticos que os veem como um conjunto de propriedades formais a que o texto deve obedecer. O gênero é, assim, um produto e seu ensino torna-se, então, normativo. Sob a aparência de uma revolução no ensino de português, está-se dentro da mesma perspectiva normativa com que se ensinava gramática.

Ademais, retirando esse conceito do contexto teórico que lhe deu origem, essa noção é vulgarizada e empobrecida. E aí aparecem lições sobre gêneros de que a escola não precisa tratar, porque os alunos já os conhecem muito bem. Apresentam-se lições sobre gêneros, que, numa perspectiva bakhtiniana, não poderiam ser considerados gêneros do discurso. E o ensino novamente cai na irrelevância e na insignificância.



Bakhtin não vai teorizar sobre os gêneros, levando em conta o produto, mas o processo de sua produção. Interessam-lhe menos suas propriedades formais do que a maneira como eles se constituem. Seu ponto de partida é o vínculo intrínseco existente entre a utilização da linguagem e as atividades humanas. Os enunciados devem ser vistos na sua função no processo de interação.

Os seres humanos agem em determinadas esferas de atividades, a da escola, a da igreja, a do trabalho num jornal, a do trabalho numa fábrica, a da política, a das relações de amizade e assim por diante.

Essas esferas implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados. Não se produzem enunciados fora delas, o que significa que eles são determinados pelas condições específicas e pelas finalidades de cada esfera. Esses domínios de atuação ocasionam o aparecimento de certos tipos de enunciados, que se estabilizam precariamente e que mudam em função de alterações nessas esferas de atividades. Só se age na interação, só se diz no agir, e o agir motiva certos tipos de enunciados, o que quer dizer que cada esfera de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de enunciados.

Os gêneros são, pois, tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. Falamos sempre por meio deles no interior de uma dada esfera de atividade.

Eles estabelecem, portanto, uma interconexão da linguagem com a vida social. A linguagem penetra na vida por meio dos enunciados concretos e, ao mesmo tempo, por eles a vida introduz-se na linguagem. Os gêneros estão sempre vinculados a um domínio da atividade humana, refletindo suas condições específicas e suas finalidades. Conteúdo temático, estilo e organização composicional constroem o todo que constitui o enunciado, que é marcado pela especificidade de uma esfera de ação.

O gênero somente ganha sentido quando se percebe a correlação entre formas e atividades. Assim, ele não é um conjunto de propriedades formais isolado de uma esfera de ação, ele realiza-se em determinadas coordenadas espaço-temporais, na qual os parceiros da comunicação mantêm certo tipo de relação.



Por outro lado, a escola não deve trabalhar com gêneros em geral, mas com gêneros que são atribuição da escola ensinar: os da esfera literária, os da esfera jornalística, os da esfera científica e não bula de remédio ou outro gênero insignificante. Além disso, é preciso deixar clara a ideia de que o gênero é um enunciado relativamente estável. O acento deve ser colocado no relativamente e não no estável.

11. *Pensando o conhecimento como discursos, como a linguística ganha lugar e se forma no projeto pedagógico de um Estado para o qual o conhecimento é elemento estruturante de base do sistema capitalista contemporâneo? Como as práticas científicas da linguística podem contribuir para exercício da cidadania e da autonomia intelectual?*

É interessante, a linguagem é tão complexa que as práticas científicas da linguística são muito diversas. De um lado, o conhecimento linguístico entra como elemento estruturante de base do sistema capitalista contemporâneo. Veja-se, por exemplo, a linguística computacional, que tem uma importância central no desenvolvimento dos sistemas de computação. Ou ainda a terminologia, a lexicologia, o ensino de idiomas estrangeiros, etc. Por outro lado, o conhecimento linguístico é fundamental para a crítica do sistema, como acontece com os estudos do discurso. Creio que, ao levar em conta sua dimensão política e ética, que mostrei ao responder a questão 2, a linguística contribui para o exercício da cidadania e da autonomia intelectual.

Além disso, é preciso considerar que o ensino de língua, ao ampliar o conhecimento linguístico do estudante, amplia sua consciência e, assim, contribui para um exercício mais adequado da cidadania e da autonomia intelectual. Não era outra a razão que levava Gramsci a recomendar que todos os membros do Partido Comunista Italiano aprendessem bem o italiano.



12. *Reservamos um espaço para que desenvolva quaisquer assuntos que desejar. É provável que as perguntas feitas acima não tangenciem todos os tópicos de seu interesse, de modo que o encorajamos a nos contar, aqui, suas impressões.*

No mercado acadêmico, os cursos de Letras estão muito desprestigiados. Parece que os que fizemos Letras somos uns coitadinhos, menos inteligentes, que não conseguimos entrar em cursos mais prestigiados e, por isso, conformamo-nos em fazer Letras. Parece que muitas vezes aceitamos isso e fazemos de nossos cursos uma coisa de segunda categoria. No entanto, como disse acima, o curso de Letras forma especialistas na linguagem humana. Qual é o papel da linguagem em nossa vida?

A linguagem é a capacidade específica da espécie humana de se comunicar por meios de signos. Entre as ferramentas culturais do ser humano, a linguagem ocupa um lugar à parte, porque o homem não está programado para aprender física ou matemática, mas está programada para falar, para aprender línguas, quaisquer que elas sejam.

A linguagem é uma maneira de perceber o mundo, é uma forma de interpretar o mundo, é o meio pelo qual interagimos socialmente, serve para informar e ser informado, influenciar e ser influenciado, expressar os sentimentos e as emoções, exprimir o pensamento, criar laços entre as pessoas e mantê-los, falar da própria linguagem, é fonte e lugar de prazer, forja uma identidade social, é uma forma de ação no mundo, cria novas realidades, sonhos e utopias.

Depois de elencar todas essas funções da linguagem, compreende-se que ela é onipresente em nossa vida. Sem ela, não se pode estruturar o mundo do trabalho, pois é ela que permite a cooperação entre os homens e a troca de informações e de experiências. Sem ela, o homem não pode conhecer-se nem conhecer o mundo. Sem ela, não se exerce a cidadania, porque os eleitores não podem influenciar o governo. Sem ela não se pode aprender, sem ela não se podem expressar os sentimentos, sem ela não se podem imaginar outras realidades, sem ela não se constroem as utopias e os sonhos. Sem ela... Sem ela... Sem ela....

Trabalhar com a linguagem não é algo trivial dado o papel que ela exerce na vida de todos nós. Trabalhar com a linguagem é operar com “a liberdade das almas”, como dizia a poeta Cecília Meireles no *Romance LIII ou das palavras aéreas*:

A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora...





Por isso, temos que ter orgulho de estar no curso de Letras, temos que ter orgulho de trabalhar no ofício da palavra, temos que ter orgulho de ser pesquisador desse instrumento com o qual a humanidade construiu as civilizações. Por isso, o curso de Letras deve ser um curso exigente. Essa é a mensagem que deixa quem há mais de cinquenta anos trabalha na profissão da palavra.